RECENSÕES

OTTAVIA NICCOLI — *Profeti e Popolo nell' Italia de Rinascimento* — Biblioteca de Cultura Moderna Laterza, Bari, Laterza, s.a. (1987).

Toda a obra de investigação deveria, em princípio, apresentar não apenas um *resultado*, mas também uma *lição:* — a de como a continuar — ou, se disso caso fosse, a de, um dia, a refazer — na multiplicidade de relações — factuais, ideológicas, semânticas — que em outros contextos — outros espaços e outros tempos — se vão estabelecendo num permanente devir.

Ora, o presente trabalho de O. Niccoli, autora de outros preciosos contributos dispersos por volumes e revistas, é, também sob este ponto de vista, uma investigação exemplar, pois soube colocar método e conclusões ao serviço de uma excelente lição de *reconstrução* — o termo pertence-lhe — dum género «literário» — a profecia em verso — de um tipo de gravura..., de uma época — esses fins de século XV e os primeiros trinta anos do século seguinte — e dos seus tempos relativos marcados por acontecimentos determinantes do material que estuda — 1494..., 1517..., 1519..., 1520..., 1522..., 1524..., 1530. Guerras, lutas e interesses políticos, reformas e contra-reformas, eleições de papas e imperadores, a paz como um eterno e sempre longínquo sonho. É, com efeito, a extrema e delicada atenção de O. Niccoli aos seus textos, às suas gravuras, aos acontecimentos — ao evento e aos seus sinais — que lhe permite exemplarmente mostrar (ou fazer-nos suspeitar) a relação directa ou recuperada de velhas tradições que se estabelece (e hoje, eruditamente, se verifica) entre esses factos e a circulação de profecias e gravuras através de Itália ou da Europa. Poucas vezes se terá escrito com elementos tão frágeis e tão lábeis — por algo a autora lembra o seu trabalho como o de «reconstrução arqueológica» (pág. 12) — um livro tão apaixonadamente seguro nas suas conclusões e nas suas propostas.

*

* *

Arrancando da análise dos textos proféticos em verso — conhecidos ou noticiados em crónicas e documentação diversa — circulando entre as guerras aquando do avanço de Carlos VIII de França sobre a Itália e a coroação de Carlos V como imperador (1530), O. Niccoli mostra como tais profecias se escrevem por e sob actualização urgente de velhos textos, uns e outros, reclamando-se da respeitável antiguidade de respeitáveis autores — S. Metódio..., St.ª Brígida..., St.º Anselmo..., St.º Ângelo..., o eterno Abade Joaquim... A autora demora-se a estudar a larga circulação de tais textos, circulação em manuscrito e, sobretudo, em folhetos volantes. Imprensa barata que cantadores ambulantes exploravam à saciedade diante de auditórios «populares», isto é,

massivamente urbanos. Mesmo que por *popular* se entenda literatura de largo consumo (pág. 25), tal não que dizer, como pontualiza O. Niccoli e confirmou R. Rusconi (*«Ex quodam Antiquissimo Libello». La Tradizione Manoscrita della Profezie nell Italia Tardomedioevale: dalla Collezioni Profetiche alle Prime Edizioni a Stampa,* in *The Use and Abuse of Eschatology in Middle Ages.* Leuven Univ. Pvess, 1988, (págs. 441-472, esp. págs. 444-448), que não haja outros níveis sociais que não se interessem, os olhos postos, antes de mais, na propaganda política que encobre e veicula, por essa literatura. Assim, acontecia, como sublinham os dois autores, com burgueses e eclesiásticos nessa Florença que desde os fins do século XV é um grande centro deste tipo de literatura e o ambiente — cultural e social — em que se formam algumas das mais importantes das suas antologias. Outro, para que chama especialmente atenção O. Niccoli, será Veneza.

Um aspecto muito interessante a reter da exposição será a simplicidade desses textos popularmente rimados, de fácil simbolismo, contrastando com os mais antigos em latim ou mesmo, mais excepcionalmente, em vulgar, manejando, por meio da interpretação de «sinais seguros» enviados por Deus, crítica social e ameaças de invasões de infiéis — o Turco, antes de mais, essa obsessão da Europa e não apenas da Itália ao longo do século XVI —, mas também — como não? — prometendo a sua conversão e a chegada dum tempo de paz sempre desejado (pág. 27), como esse que se espera para depois de 1530... Nem que esse fosse «o último tempo»... Tais conteúdos, pela sua extrema versatilidade, facilmente se adaptavam a tempos e circunstâncias que os urgiam, através quer de forçadas, logo, falsas, identificações de reis e papas, quer de guerras vindas ou a vir, para sempre sublinhar «desastres» e os reorientar... Como exemplos, O. Niccoli estuda, como já sugerimos, os textos proféticos *aplicados* às guerras de Itália de Carlos XIII de França... — tão interessantes no seu profetismo reanunciador dum segundo Carlos Magno... —, as «profecias de mosaico» da Basílica de S. Marcos de Veneza — que nos remetem para tradições mais precisas relacionadas com J. da Fiore — e, por fim, de textos que motiva a liga de Cambray (1509-1510) em que, exemplarmente, se acentuam os elos entre a guerra, a degradação política e essas suas profecias (pág. 46).

*

* *

Dentro do mesmo arco cronológico a autora presta uma especial atenção a um tipo de *sinal* «ostensivamente» significativo (pág. 50): o monstro. E sublinhemos desde já a sobreposição dos tempos «profético» e fantástico nos seus limites à volta de 1530, coincidência particularmente interessante por se tratar de um tipo de *sinal* — o monstro — que atravessará eruditamente todo o século XVI europeu e se será consagrado, entre outros, por A. Paré, cuja obra de epígono um tanto *surnois* nos seus interesses e fantasias, estuda admiravelmente C. Kappler (*Monstres, démons et merveilles à la fin du Moyen Age,* Paris, s.a. (1980). Multiplicando referências, acompanhando o eco em terreno italiano de obras estrangeiras — francesas ou germânicas, especialmente — O. Niccoli procura mostrar, com êxito, como a circulação de tais *sinais* gravados, *mostrados*

na sua excepcionalidade ou no seu horror, não se verifica apenas, tal como nos textos proféticos, em determinados estratos sociais menos cultos. Antes pelo contrário, os monstros percorrem todos os níveis sociais, embora a reacção cultural dependa do nível social atingido. Tese pertinente particularmente cara à autora, e que lhe permite insinuar que o interesse pela astrologia pode servir, por si mesmo, para definir uma relação estreita entre o nível social e o nível cultural (pág. 50), embora, muitas vezes, o interesse «humanístico» pela astrologia não se oponha a um interesse mais «popular» pelo monstruoso... O caso do «monstro de Ravena», difundidíssimo a partir de 1511-1512, serve-lhe para estudar, ilustrativamente, gravuras e comentários, uns e outros situados num quadro político-social italiano, implicando, como sempre, o papado, a França, a Espanha, o Turco... Curiosa, mas obviamente, porém, tais implicações não excluem que a um nível, aparentemente, menos político, possam tais sinais ter servido a uma crítica social, mormente aos costumes eclesiásticos (págs. 57-71). E nessa quatripartição de forças e de interesses a que aludimos e nessa confluência de críticos e temas — «populares» e «humanísticos» (pág. 112) — as alusões mais ou menos directas — à hierarquia eclesiástica, p.ex. (pág. 78) — ou as interpretações políticas podem ser múltiplicas, polissemicamente contraditórias mesmo, como ressalta do caso do «monstro de Bolonha» em 1514... Em qualquer caso, parece evidente que os monstros, esse fenómeno, esse *sinal* de dimensão europeia, vinham postos, especialmente em períodos de crise, ao serviço de um debate político e da consequente formação de opinião... (pág. 86).

*

* *

A outro tipo de sinais — a sua diversificação tal como a sua multiplicação será sempre um índice a reter — as aparições — reserva O. Niccoli o terceiro capítulo da sua obra, capítulo em que estuda a fantástica aparição em Agnadello, de reis mortos, tal como a transmitia, dentre outras fontes menos precisas, a *Littera de le maravigliose battaglie apparse novamente in Bergamasca* (s.t.,s.l.,s.d.) atribuível a B. Martinengo. Circulando em Janeiro de 1518 em Itália..., terreno que percorre fulminantemenete, em 23 de Fevereiro é já objecto de notícia em Valladolid (pág. 89). Tal facto permitiu à autora enunciar o *ampio problema della circolazione delle traduzione attraverso strati culturali disomogenei, delle loro transformazione in questi passage, dei modi in cui vengono transmesse e che spesso sono in relazione con le loro funzioni all'interno di um contesto sociale specifico...*» (pág. 80). No fundo, como precisa O. Niccoli, tentar — e como tentar — seguir o itinerário de uma imagem cultural» (págs. 108-109). Aludindo às tradições literárias destas «batalhas de espíritos» e ao seu sentido como sinal de guerras a haver, à fusão dum mito germânico com um outro romano — o que lhe facilita a receptividade —, à união do folclórico com o profético, O. Niccoli assinala, neste contexto, dois factos importantes e de graves consequências: — a assunção de tudo isto em altos níveis sociais e culturais para ser utilizado com finalidade políticas (pág. 90) e a transformação de Roma em eficaz caixa de ressonância do prodigioso à escala internacional

(pág. 110). Por aigo, Leão X soube utilizar essa aparição nos campos de Agnadello a favor da sua política anti-turca (pág. 11), abrindo, assim, caminho para que, à mistura com outros textos, o relato de *Lettera delle maravigliose buttaglie* pudesse, mais tarde, consolidar Carlos V como o prometido rei vencedor do Crescente (págs. 117-20).

Um outro meio extraordinariamente rentável de fazer circular alusões a sinais, temores, castigos que textos proféticos e gravuras «concretizavam» é, nestes anos em que muito dos contornos sociais e culturais está como que posto sob o signo de Lutero, a pregação de carácter apocalíptico, tema que O. Niccoli estuda no quarto capítulo da sua obra. Dedicando à pregação ambulante — eremitas de vária extração e aspecto, colocados sob a égide franciscana ou agostiniana, principalmente — uma atenção proporcional à que é atribuída aos cantadores de profecias por praças e ruas, a autora estuda, nas suas implicações culturais várias, esse empenho «eclesiástico» de reformar através do anúncio de pestes, fomes, guerras — e aqui, de novo perfilando o Turco na crista desses horizontes de castigos. E não deixa de ser importante, porque confirmativo do que, por outras vias, é bem sabido, fazer notar que tal género de pregação, considerado normal até cerca de 1530, apesar de sobre ele pairarem as sombras de G. Savonarola à mistura com cálculos à G. da Fiore (pág. 135) ou as condenações do concílio Lateranense V (págs. 139-140), passe, subitamente, a ser um motivo de preocupação e de condenação pelas autoridades e perseguido ou escarnecido por quase todos. Neste sentido, o caso daquele pregador vestido de saco que em Junho de 1532 pregou na praça de Modena, causando o alarme do vigário episcopal é paradigmático. Alarme? — Alarmes... Pastoral, por um lado, já que pela mesma autoridade lhe fora proibido pregação, por outro, cultural, pois, como anotava um cronista modonense *la magior parte delle persone se ne fatto beffe, perchè non sono bem vestiti, neanche persone letterate...*» (pág. 131).

É ainda sob este alo abrasivo que Lutero espalha pela Europa destes anos que O. Niccoli, fazendo confluir alusões dispersas por capítulos anteriores, estuda a contaminação — iríamos dizer, confabulação — do profetismo e do mostruoso... A propósito de um monstro aparecido em 1522 em Walterdorf (Saxónia), no qual algum promenor da sua monstruosidade recordava a cabeça de um monge, a autora mostra-no-lo no centro da polémica político-religiosa desses dias em que, como dizia o próprio Lutero, *monstra cottidie crebrescunt* (pág. 164). Curiosamente, porém, se foi o próprio reformador germânico o primeiro a interpretar essa «parecença» num sentido amplamente anti-monacal (págs. 164-165), acabou, ele próprio, através de vicissitudes da polémica e das transferências culturais inerentes, por ser identificado com esse «monstro da Saxónia» — *Saxonicus vitulus* — pelo dominicado J. Cochlaeus já em 1523 (pág. 167). Uma vez mais, com base neste caso O. Niccoli, atenta, como sempre, à circulação europeia deste tipo de notícias e gravuras, assinala como tais interpretações corriam, nesse mesmo ano (25 de Agosto) em Valladolid... (pág. 170).

Outro caso — e momento — particularmente interessante de profetismo anti-luterano é o desse folheto de c. de 1530 contendo a *Vita de Santo Angelo Carmelitano con la prophetia data a lui por el nostro signor Jesu Christo de*

tutto quello che e advenuto e advenira alla Christianitate per infedeli e della setta e leze falsa luterina. Tal *Vita* retomando uma medievalíssima *Vita di Santi Angeli Martyris* transforma a crítica tardo-medieval à hipocrisia do clero e dos monges numa acusação à gente «depravada e luxuriosa» que sob cor de santidade seduz o povo com novas e permissivas leis (pág. 177). Curiosamente, quando em 1671, a *Vida de Santo Ângelo* for editada por Fr. António de Escobar, OCD, em Lisboa, serão, naturalmente, num contexto de independência restaurada, outros os motivos polémicos e outros os alvos a atingir quando, entre outras coisas, se anuncia o que está por cumprir da profecia do santo carmelitano.

*

* *

O capítulo sexto desenvolve as relações já enunciadas entre a astrologia e o profetismo como indicadores de níveis culturais diferenciados (ainda, naturalmente, que não estanques), ao mesmo tempo que patenteia «a penetração e o crédito da astrologia nas classes populares urbanas» (pág. 186). Estas páginas de O. Niccoli assentam na análise dos anúncios e reacções ao dilúvio universal a ter lugar em 1524 — outro fenómeno de larga ressonância europeia.

Olhando as coisas desde este extremo ocidente pensemos nas reacções que tais notícias desenvolveram na Península Ibérica, onde o conhecimento preciso das polémicas italianas à volta do anúncio da catástrofe (Conf. *Introd.* de J. de Carvalho à sua edição da obra de Fr. António de Beja, Coimbra 1943, e J. V. de Pina Martins, *Pico della Mirandola e o Humanismo Italiano nas Origens do Humanismo Português,* Lisboa, 1964) deram origem às obras do jerónimo português Fr. António Beja — *Contra os Juízos de Astrólogos* (Lisboa 1523), por mandado da Rainha Leonor de Lencastre, e de Pedro Ciruelo *Apotelegmata astrologiae christianae... hoc est, De mutationibus temporum er de genituris hominum, rejectis omnino interrogationibus et de vanis electionibus falsorum astrologorum...*, também desse mesmo ano de 1523 (Acalá) e, sobretudo pelo tipo de notícias, reflexões e público que pretende alcançar, *El Sumario de las Maravillosas e Espantables Cosas que en el mundo han acontescido* aparecido em Toledo em Dezembro (o cólofon é de 20) de 1524...

O. Niccoli, por sua vez, chamando a atenção para um facto extremamente importante e que raramente é tido em consideração — tal anúncio de catástrofe universal em 1524 há que colocá-lo numa lista de temores mais antigos que faziam parte do património de ideias dispersas em Itália entre o século XIV e XV (pág. 188) — analisa os canais de transmissão desse anúncio, pois tais canais não foram os mesmos para todos os grupos sociais (pág. 187). Obviamente, a pertinência das observações de O. Niccoli sobre a necessidade de nunca esquecer as relações entre o nível cultural e o nível social, ganham nestas páginas uma espectacular dimensão, pois nesse anúncio e nas reacções que desencadeia envolvem-se astrólogos, humanistas, frades, controversistas com raro sentido de oportunidade como esse anti-erasmista D. López de Zuñiga (Conf. M. Bataillon, *Erasmo y España* em vários lugares) na sua *Epistola ad*

R. P. Episcopum Forosemproniem (Roma, 1524) ao misturar as águas desse dilúvio com as águas da sua polémica anti-luterana (pág. 195). De qualquer modo, castigo de Deus pela corrupção da Igreja ou pela revolta de Lutero, O. Niccoli mostra não só como as vicissitudes do anúncio desse dilúvio para 1524 exemplificam *la capacità della cultura profetica di assorbire ed inglobare, in qualche modo annulandola, quella astrologica»* (pág. 114), mas também a decorrente desqualificação dessa «ciência» e dos seus cultores (pág. 215).

*

* *

Espera por esperança é ainda o signo que preside à volta de 1519 a 1530 à eleição e à acção do novo imperador que obsidia a Europa. Textos e gravuras, algumas já conhecidas e difundidíssima como a *Vera Prophetia* [...] *la quale dechiara la venuta de uno imperador* (pág. 218), outras mais recentes, alimentam essa velha esperança de que com o novo imperador — francês? germânico? — se inicie ou consolide um novo tempo... O «profetismo imperial» para além do alvo imediato de, até certo ponto, favorecer candidatos a políticas em luta, brota também desse anelo profundo que, através toda a Idade Média, através depois ainda do século XVI segundo as áreas nacionais e culturais, quer esperar uma «figura santa e pacífica» que contribua ou represente mesmo a garantia para uma renovação do mundo em que também a Igreja se mostrava empenhada. Daí que ao lado desse «profetismo imperial» se possa também falar dum «profetismo papal» assinalado nos mesmos textos, o que não quer evidentemente dizer que o profetismo papal não conhecesse o seu *corpus* textual autónomo... Para além da tradicional profecia dos papas atribuída ao Abade Joaquim, um dos elementos desse *corpus* (ainda que não em verso) mais evidentes quer pela sua ressonância quer pelos avatares do seu texto ditados, em larga medida, por interesses pessoais aliados a utopias políticas, poderia mesmo ser a *Apocalypse Nova* atribuída ao B. Amadeu da Silva... De todos os modos, toda esta larga espera que é uma imensa esperança poderia ver-se resumida exemplarmente no que a propósito do novo imperador — então Maximiliano — dizia o cronista milanês Ambrogio da Paullo: *farse hobediente tutto il mondo et reformare la giexa et farse novo ordine...»* (pág. 221). Interessada ou desinteressadamente..., chegou, nesse ano de 1519, o tempo de apresentar Carlos V, rei de Espanha, como esse novo imperador dum tempo novo..., esse imperador santo que prometia de facto e, logo, definitivamente, ir contra o Turco e empenhar-se na reforma da Igreja, em instaurar a paz, em outro desejo que, como se sabe e já aludimos, percorre todo o século e organiza toda uma literatura que vai desde os apelos de Erasmo a toda uma vasta produção poética que cobre toda a Europa... Seria esse — neste caso ele — o novo Carlos Magno sempre prometido e como tal se via consagrado — Merlin e Santa Brígida *testes* — num folheto piemontês de 1524 em que se actualizam todas as tradições medievais — *Hystorie Nove: dove se contiene la venuta de lo imperadore per incoronarsi: e de le grande cose che hano da essere...* (pág. 223). Tudo se foi complicando e adiando, o que não impediu que algum dia, em círculos espirituais espanhóis levantinos, S. Francisco de Borja, então recentemente entrado na Companhia de

Jesus, fosse sugerido como esse favorável «papa angélico» que faltava ao imperador que se verá, um tanto retrospectivamente, apontado como o profetizado saqueador de Roma (págs. 224-226).

*

* *

Toda esta vasta reconstrução ditou a O. Niccoli algumas páginas de epílogo que bem merecem lhes chamemos conclusões em prospectiva. Nelas se acentua, acenando, obviamente, a quanto ficou apontado, como esses anos à volta de 1530 são em Itália como que um tempo de fronteira, um momento de viragem que se precipita depois desses dias da coroação de Carlos V como imperador... Muito, então, desaparece quase subitamente — textos proféticos em verso..., pregação apocalíptica..., por exemplo — e se algo continua dentro desse contexto semântico — esses eremitães ambulantes, por exemplo ainda — o sentido da sua acção quase já não é compreensível, ou, melhor, é-o negativamente... Por nosso lado, gostaríamos de apontar quanto nos impressionou essa fronteira cronológica..., a ponto de nos termos perguntado se desse «novo» tempo nessa Itália de depois de 1530, aí antes de mais, não terá brotado, como em substituição, uma literatura apelando e propondo a paz da alma..., a paz interior, apelo que, como é bem sabido, culminará nesse *Combatimento Spirituale* de L. Scupoli em 1589, mas que antes está no centro das obras de um Battista da Crema — *Della Cognitione e Vittoria di se stesso* (1531)... — que um Serafino da Fermo — *Trattato per la Vita Christiana utilissimo della cognitione e vitoria di se stesso* — resume em 1541..., ...Em Espanha (Alcalá), J. de Bonilla publicará, em 1580 concomitantemente com Scupoli, portanto, o *Tratado de la Paz del Alma*..., obra que S. Francisco de Sales apreciou... Um ideal de paz... Uma interiorização da paz..., desse sonho que, aparentemente ultrapassando contextos políticos, já não é possível profetizar nem pregar? — É uma mera hipótese que coincidências de datas de fim e de começo podem sugerir, mas que evidentemente necessitaria de outro tipo de suporte e de uma investigação tão cuidada e paciente como essa que O. Niccoli nos deu... De todos os modos, mesmo que tenha de concluir-se pela não pertinência da sugestão, há que tomar nota de que esse profetismo, estanque em terras italianas, se desloca, com uma onda, para França e Inglaterra onde perdura ainda por meados do século XVII... Ajuntemos, por nossa conta, não tanto, porque coincidentes com o *tempo* italiano, as profecias que em Espanha brotam à volta de Fernando, o Católico, em momentos de descoberta do Novo Mundo... e depois à volta de Carlos V em dias de Germanias e Comunidades..., mas, sobretudo, em Portugal onde para o século XV, seria, talvez, possível reconstruir alguns textos e sinais através de notícias semeadas por R. de Pina nas *Crónicas* de D. Duarte... e D. Afonso V... Aqui curiosamente, porém, em 1530 ou um pouco depois, surge um dos mais polémicos e mais persistentes textos proféticos em verso — as *Trovas* de Gonçalo E. Bandarra, sapateiro de Trancoso... Estas, como é bem sabido, correndo em múltiplas cópias manuscritas apesar de uma certa vigilância inquisitorial — a 1.ª impressão é de 1603 (Paris) — acabaram por ser erguidas não só em texto profetizador do regresso dum rei perdido em Alcácer-Quibir (1578) — D. Sebastião — para inaugurar, por sua vez, esses tempos

de conversão de infiéis — o Turco —, ...de conquista de Jerusalém..., de paz final..., mas também, consequentemente, em manifesto de resistência à absorção de Portugal no império espanhol depois de 1580... Neste sentido, as *Trovas* de Bandarra só terão a ganhar se reexaminadas à luz de modelos italianos. Com efeito, pela sua estrutura, pelos seus temas, pelos mitos que prolongam, pelas tradições múltiplas de que se reclamam — e não apenas os joaquimitas — e até por muito do seu vocabulário, pela circulação em diferentes estratos sociais e culturais, remetem-nos para essas tradições italianas que O. Niccoli estuda com mão de mestre no belíssimo livro que, até certo ponto, desenvolve as investigações fundamentais de E. Garin e de R. Rusconi — *L'attesa de la età nuova...*, *L'attesa della fine* — para a Idade Média... Por algo, ao longo da nossa leitura fomos anotando (págs. 54, 72, 89, 170...) como e quando textos, gravuras, notícias — profecias, sinais, comentários — ecoam velozmente nessa Valladolid dos fins do século XV e dos primeiros trinta anos de quinhentos... Não terá sido Valladolid, parafraseando uma conclusão importante de sobre Roma, a caixa ressonância ibérica de profecias e sinais recebidos de Itália e do resto da Europa? — Seria por aqui que algum dia gostaríamos de continuar a esplêndida lição de O. Niccoli.

Porto, 14 de Março de 1989

José Adriano F. Carvalho

MARIA IDALINA RESINA RODRIGUES — *Estudos Ibéricos. Da Cultura à Literatura. Séculos XIII a XVII.* Lisboa, ICALP, Ministério da Educação, 1987.

Reunir em livro — um belo livro, desde o papel à ilustração e à clareza dos tipos escolhidos — grande parte da investigação que ao longo de anos se foi fazendo, pressupõe uma dupla confiança do seu autor: na oportunidade e na qualidade do que se reoferece. É, efectivamente, sempre um risco este *mesmo* e este *assim* como foram um dia... Mas, perante a obra que analisamos, há que confessar imediatamente que esse risco se atenua — digamos até, se anula — não só em face da alta qualidade dos resultados e da serenidade da exposição — capaz de fazer de alguns desses estudos páginas clássicas —, mas também do lugar que ocupam nessa quase «terra de ninguém» dos estudos espanhóis entre nós.

Abarcando três grandes áreas — teatro, literatura e espiritualidade, sátira e edificação —, recorrendo a abordagens metodologicamente diversificadas — o que enriquece exemplarmente o conjunto — e demorando-se por cinco séculos — com particular incidência nos séculos XVI e XVII — estes *Estudos Ibéricos* abrem e fecham com um olhar sobre a Idade Média — a personagem da tradição carolíngica Marquês de Mantua e o diabo — ainda que, naturalmente, com diferente atenções e intenções. Estas referências aos domínios literários especialmente tratados e ao seu âmbito cronológico, apenas devem servir para sublinhar, desde outra perspectiva, a importância das páginas que Maria Idalina Resina Rodrigues agora reuniu.

Concretizando um pouco mais, a leitura — ou, em muitos casos, a releitura... — desse *corpus* sobre o teatro português e espanhol, por si e pelas suas interrelações, permite verificar a maestria e — porque não? — o virtuosismo com que os textos de Gil Vicente e Camões — a quem dedica uma atenção especial: *«Auto da Barca do Inferno»: os textos e os públicos..., Gil Vicente e Lopes de Vega: um tema e duas perspectivas..., Anfitriões peninsulares quinhentistas..., O Teatro no teatro: a propósito de «El-Rei Selenço» e de outros autos quinhentistas..., Os autos de Camões e o teatro peninsular...* — são abordados. Cremos, no estado presente dos estudos sobre o teatro português de quinhentos, nestas páginas se encontra, além do mais, uma utilíssima síntese dos pontos de chegada da investigação sobre a comédia clássica em Portugal. E se a perspectiva ibérica está omnipresente como um fio da atenção do autor e do seu leitor (ou releitor...), é, porém, com *Teatro Espanhol/Teatro Francês* — uma opção que, em outros campos, se foi tornando num (falso) dilema da cultura nacional — e em *A Fortuna e Influência de Lope de Vega em Portugal (1580-1870)* que, nesta área, tão vasta e, geralmente, tão superficialmente tratada, a perspectiva ibérica, dizíamos, — que não é apenas uma questão de falar de Espanha — ganha a sua mais funda e mais precisa dimensão.

Os capítulos dedicados a *Literatura e Espiritualiadde,* num esforço por fazer descobrir em alguns autores estudados a relação estreita entre a literatura e as correntes de espiritualidade de que se reclamam, — o que nem sempre é visível na larguíssima maioria dos autores de obras de espiritualidade — aproximam-nos das questões da literatura anti-semítica entre nós (*Literatura e Anti-Semitismo. Séculos XVI e XVII),* oferecem, numa análise tão metódica como apaixonante, o *relacionamento através dos textos* de Luís de Granada, Bartolomeu dos Mártires e Luís de Sousa e, ainda, as *Representações da Virgem Maria* na obra portuguesa de Fr. Luís de Granada. É pena que Maria Idalina Resina Rodrigues, cujo *opus magnum, Fr. Luis de Granada y la Literatura de Espiritualidad en Portugal (1554-1632)* — a sua tese de doutoramento acaba, nestes momentos, de ser divulgada pela prestigiosa colecção *Espirituales Españoles* (U. P. de Salamanca/F. U. E., Madrid, 1988) — não tenha juntado mais alguns títulos da sua investigação neste campo. E dizemo-lo, porque Maria Idalina Resina Rodrigues é, hoje, nestes domínios uma autoridade que se tem afirmado com uma investigação tão bem ponderada como eruditamente informada, coisas ambas bem difíceis entre nós onde a discrição sobre e da investigação nestes domínios é apanágio das instituições universitárias — laicas e confessionais... Daqui resulta, obviamente, uma pesquisa que só tem possível manter-se por essa certeza da impossibilidade de «identificar um país» sem uma análise das correntes de espiritualidade e de sentimento religioso que o atravessam e também o formam ao longo da sua história e que tem procurado ir além das generalidades que todos julgam saber ou dar por sabidas.

Como simples apontamento atrevo-me a sugerir que, um dia, Maria Idalina Resina Rodrigues volte às questões da literatura anti-semítica entre nós, alargando a sua investigação tanto aos textos que directamente focam a questão..., à comparação — à evolução... — dos seus textos..., ou à de outros que, apesar de não a enunciar abertamente nos seus títulos, não abordam menos dramaticamente os problemas. Penso, por exemplo, quanto importante seria vir a considerar não só o *Veritatis repertorium... omnium minimum editum in hebraeos quos vulgus novos vocitat christianos* (Coimbra, 1567), de Francisco Machado e o *Espelho de Cristãos Novos,* manuscrito do mesmo autor de que Milred E. Vieira e Frank E. Talmage deram uma excelente edição (Toronto, 1977), mas também na utilidade de comparar as edições (1622, 1623 e 1625) do *Discurso contra a herética perfídia do judaísmo...* de Vicente da Costa Matos — as correcções anunciadas podem não ser apenas de forma... —, e ainda na importância de desvendar esse anónimo *Discurso contra judios* que Diego Gavilán Vila traduziu e fez imprimir em Salamanca por António Ramírez, em 1631, o mesmo ano em que o carmelita fr. Luis da Apresentação ou de Mértola publicava a sua *Demonstración evangélica y destierro de ignorancias judaicas...* Valeria, talvez, a pena tentar explicar esta insistência nestes temas nestas datas..., pois não deixa de ser curioso que nesse 1631 (Lisboa) Fr. Manuel de Lacerda, E. S. A., tenha igualmente feito circular um *Memorial e antídoto contra os pós venenosos que o demónio inventou e por seus confederados espalhou em ódio da cristandade...,* de alcance anti-semítico que igualmente se recolhe em toda uma série de publicações do outro lado da fronteira... Talvez, sob *um* certo aspecto, algumas pistas de explicação pudessem perceber-se no tipo de relação que os conversos portugueses mantêm, por esses anos, com o

Conde-Duque de Olivares, e a que alude, em páginas sugestivas, A. Domínguez Ortiz (*Los Judeoconversos en España y América,* Madrid, Istmo, 1971). Mais tarde, seriam, talvez, de estabelecer pontes com textos como a *Carta que um rabino chamado Samuel escreveu a outro rabino chamado Isaac consultando-o sobre o ter alcançado pelas profecias do Testamento Velho que o Messias tinha vindo* (Lisboa, 1651, 1673) de Francisco Lopes Prata ou as *Demonstrações da verdade de nossa santa fé contra os erros judaicos* (Évora, 1670) do jesuita António Ferreira. Lembremos que J. B. Este volta a ser editado por estas datas (1672)...

Finalmente, assinalemos, dentro do campo da literatura espanhola propriamente dita, os estudos dedicados aos *Sueños* de Francisco de Quevedo, páginas exemplares que, em seu dia, constituíram uma das raríssimas homenagens lusitanas não só a um dos grandes das literaturas ibéricas, mas também a um dos autores mais influentes na literatura portuguesa dos séculos XVII e XVIII.

*

* *

Cremos, por outro lado, terá ficado sublinhado o comparativismo fecundo — fontes..., intertextualidades..., influências..., coincidências... — que enforma estas páginas tão oportunas, alinhado ao longo de uma *fronteira cultural precisa* entre os povos peninsulares... Uma fronteira cultural *precisa* que, porém, uma política de desencanto mútuo — que se não resolve unilateralmente com uma diplomacia de receios e «impressões» — tem conseguido transformar no contrário do que talvez pretenda e que ninguém, dum e de outro lado da fronteira, pretende, isto é, numa fronteira ténue... Infelizmente.

José Adriano F. Carvalho

M. CORREIA FERNANDES — *Literatura Portuguesa em Espanha—Ensaio de uma bibliografia (1890-1985)*, Porto, Livraria Telos, Editora, 1986, 339 páginas.

O aparecimento de uma bibliografia é, geralmente, um facto positivo. Com efeito, ainda que por natureza provisórias e incompletas, as bibliografias constituem — desde sempre e cada vez mais — instrumentos de trabalho indispensáveis ao investigador e supõem uma pesquisa longa, minuciosa e quantas vezes lenta... Provavelmente por algum destes motivos — e porque não por todos? — a publicação de obras desta natureza é pouco comum e não atinge de modo algum a frequência desejável. Do seu percurso em Portugal, dá notícia José Adriano de Carvalho, no prefácio que antecede esta recolha integrada ainda por uma «Apresentação» (pp. 9-13), «Siglas e abreviaturas a utilizar» (p. 14), um «Índice temático do cap. 2» (pp. 319-321) — infelizmente não extensivo a outros capítulos —, um «Índice Onomástico» (pp. 323-337), cuja presença nos apraz poder registar, na medida em que deve ser o complemento indispensável de trabalhos que se pretendem eruditos, e um «Índice geral» (p. 339).

Os vectores estruturantes da obra surgem desenvolvidos e justificados ao longo da «Apresentação» referida (pp. 9-13), momento em que o A. assume com clareza a «impossibilidade prática de reunir tudo (ou mesmo quase tudo)» (p. 9) e «o carácter parcelar deste trabalho, que consideramos como simples proposta que desejaríamos viesse a ser desenvolvida, acrescentada, corrigida, criticada por quantos se interessam pela aproximação das culturas peninsulares» (p. 13). Ressalvados, assim, os custos de uma limitação cronológica que, naturalmente, pode sempre ser posta em causa. Porquê 1890? Para trás fica, por exemplo, a maioria das traduções de obras de Teodoro de Almeida, (*Recreação Filosófica, Sermões, Cartas Físico-Matemáticas, Tesouro de Paciência...*) de cuja importância o A. se apercebeu, pois assinala duas edições de *O Feliz Independente do Mundo e da Fortuna...* — em 1842 e 1860 — claramente fora das balizas temporais propostas, mas também Ribeiro Sanches, António Pereira de Figueiredo, Matias Aires...

O corpo da bibliografia propriamente dito organiza-se em quatro grupos distintos: «I—Tradução de obras literárias de autores portugueses», «II—Estudos de carácter global sobre a literatura portuguesa ou comparada com a espanhola», «III—Estudos sobre autores portugueses»», «IV—Estudos sobre autores espanhóis em relação com a literatura portuguesa». Critério pertinente? Algum risco, todavia, reside na designação «carácter global» (II — «Estudos de carácter global...»), pois o âmbito definido é sempre dificilmente referenciável, no sentido em que as pretensas balizas do «global» se instauram como lugares de uma mobilidade extrema. Estruturar uma bibliografia na base de um critério organizativo restrito algo é indubitavelmente louvável — já que se esforça por

apontar limites — mas também perigoso. Talvez seja essa, no entanto, a mais relevante característica, que de certa forma explica a pouca frequência de trabalhos deste tipo: a sua natureza matricialmente lacunar e provisória.

No esforço constante de rigor e precisão, reside a maior qualidade desta contribuição para os estudos literários portugueses e espanhóis, que, se outros méritos não tivesse, teria pelo menos a virtude de chamar a atenção para um dos «olhares» da Espanha sobre Portugal. Como se afirma no prefácio «...poderá ser um momento basilar com que os estudos literários portugueses passarão a contar, já que lhes permitirá utilizar em profundidade e sistematicamente os dados — trabalhos e orientações — que em Espanha, tantas vezes sem o sabermos, se foram acumulando» (p. 7).

De lamentar — apenas como testemunho de leitura atenta — que diversas gralhas afectem algum rigor do texto: nas páginas 15-16 registam-se duas traduções (1842-1860) de *O Feliz Independente*... apontado-se o «assinalável êxito» — de facto a avaliar pela frequência editorial assim parece ter sido — que o oratoriano obteve em Espanha e também, como talvez fosse conveniente acrescentar, na América espanhola. Afirma-se ser possível encontrar «outras obras deste autor traduzidas em castelhano, até finais do séc. XX» (p. 16), quando, como parece evidente, se pretendia seguramente que lá estivesse séc. XIX. Por outro lado, na página 33, «Juli Dantas» surge por «Júlio Dantas» e na página 278, capítulo 5, claramente por capítulo 4.

Supomos que numa obra merecedora de uma «Tábua de siglas e abreviaturas» e de um «Índice onomástico» criteriosamente elaborado, seria desejável que o esforço de precisão se prolongasse por uma errata. Trabalhos deste cariz, que funcionam como instrumento de consulta de nomes, títulos e datas, devem evitar falhas susceptíveis de induzir o leitor em erro.

Estes aspectos não invalidam, de forma alguma, o paciente trabalho de M. Correia Fernandes, justificador, inevitavelmente, da atenção e da consulta dos estudiosos da literatura portuguesa e espanhola. Louvável, ainda, o esforço desenvolvido pelo A., já que, como afirmava Boscán na por demais conhecida «Carta à Duquesa de Soma»: «Y si la cosa no sucediere tan bien como él desea, piense que en todas las artes *los primeros hacen harto en empezar,* y los otros que después vienem quedan obligados a mejorarse».

Zulmira C. Santos